

A trajetória de consagração de Paulino de Brito em periódicos belenenses oitocentistas

The Path of Consecration of Paulino de Brito in Nineteenth Century Journals of Belém

Alan Victor Flor da Silva*
Universidade Federal do Pará - UFPA

554

RESUMO: Paulino de Almeida Brito (1858-1919) não é hoje um escritor muito conhecido pelos leitores do século XXI, nem tampouco as obras que esse autor amazonense publicou em vida, como poesias, contos, romances. Entretanto, Paulino de Brito, durante as duas últimas décadas do século XIX, tornou-se rapidamente uma figura muito popular na capital paraense. Tal fato deve-se ao desempenho da imprensa periódica belenense oitocentista, que anunciava quase todos os passos do escritor e, na maioria das vezes, não se eximia de enaltecê-lo. Nesse sentido, os jornais que tinham circulado por Belém no final do Oitocentos, juntamente com o apoio dos amigos e colegas de ofício, foram os responsáveis por atribuir a Paulino de Brito o título de literato mais importante da província do Pará. Objetivamos, portanto, com este trabalho, demonstrar como os periódicos contribuíram para a consagração de Paulino de Brito na capital paraense da época.

PALAVRAS-CHAVE: Paulino de Brito. Trajetória de consagração. Imprensa periódica. Belém do século XIX. Literatura amazônica.

ABSTRACT: Paulino de Almeida Brito (1858-1919) is not a known writer among readers in the 21st century, not even the work of this author, born in Amazonas, published in life like poetry, tales, and novels. However, Paulino de Brito, in the last two decades of the 19th century, became an extremely popular person in the capital of Pará state. That coming from the accomplishment of the periodic press of Belém in the 19th century which announced his steps and, most of the time, did not excuse itself from praising him. In this manner, the journals that circulated in Belém at the end of the 19th century, along with the support of friends and work colleagues, were responsible for assigning to Paulino de Brito the title of most important

* Doutor em Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

literate in the province of Pará. We aim, in this work to demonstrate how these periodics contributed to the consecration of Paulino de Brito in the capital of Pará at that time.

KEYWORDS: Paulino de Brito. Path of consecration. Periodic press. Belém in 19th century. Amazonian literature.

Paulino de Almeida Brito (1858-1919), definitivamente, não é um escritor muito conhecido no cenário literário brasileiro atual, nem mesmo na região amazônica, onde nasceu e criou fortes raízes. Os poemas, os contos e os romances divulgados pelo escritor amazonense em páginas de periódicos que circularam por Belém no final do século XIX ainda não foram reunidos em volume, assim como também os livros editados pelo autor em vida não são reeditados há mais de um século, à exceção dos *Cantos amazônicos*, um volume de poemas publicado pela primeira vez em 1899 e republicado em 1998 pela editora Valer, sediada em Manaus.

Nesse sentido, os periódicos para os quais Paulino de Brito contribuiu encontram-se disponíveis hoje apenas em rolos de microfilme localizados em arquivos públicos ou em formato digital em sites viabilizados por fundações. Os poucos exemplares ainda existentes dos livros do escritor amazonense estão atualmente em estado de deterioração em razão da ação do tempo - com as páginas envelhecidas, amareladas e levemente manchadas - e localizam-se em prateleiras de determinadas bibliotecas públicas.¹ Desse modo, a produção literária de Paulino de Brito - seja em páginas de livros, seja em páginas de periódicos -, em razão da dificuldade de acesso, não pode ser lida amplamente pelos leitores do século XXI, nem tampouco pode ser estudada hoje com facilidade por especialistas da área de estudos literários.

¹ **Sobre os periódicos:** o maior acervo de periódicos paraenses disponíveis em rolos de microfilme pode ser encontrado no Setor de Microfilmagem da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN), localizada em Belém, capital do estado do Pará. O maior acervo de periódicos de todos os estados brasileiros disponíveis em arquivo digital pode ser encontrado no site da Hemeroteca Digital Brasileira, portal de periódicos nacionais viabilizado pela Fundação Biblioteca Nacional. **Sobre os livros:** alguns livros de Paulino de Brito apenas podem ser encontrados no Setor de Obras Raras da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN).

Rastros sobre o autor também são difíceis de ser encontrados até mesmo em fontes secundárias. Pesquisas que realizamos revelam a total ausência de Paulino de Brito em histórias literárias, ainda hoje uma das mais importantes instâncias de legitimação de autores e obras.² Estudos sobre os quais nos debruçamos também a partir de dicionários, enciclopédias e antologias, no entanto, apresentam uma breve biografia do autor amazonense, mas essas obras não apenas são muito difíceis de serem encontradas, como também não atuam na trajetória de consagração de nenhum escritor.³ Estudos acadêmicos sobre Paulino de Brito, entre artigos científicos em periódicos, livros especializados, dissertações e teses, também são muito poucos.⁴

Embora atualmente seja um escritor desconhecido, Paulino de Brito tornou-se - ainda em vida e muito jovem - uma figura de grande prestígio na capital paraense. Desde quando começou a atuar como jornalista e a rascunhar os primeiros versos, o nome do autor foi divulgado com bastante frequência nas páginas de muitos periódicos que circularam pela Belém do final do século XIX

² A partir da minha tese de doutoramento, demonstro que os únicos escritores da Amazônia do século XIX que foram mencionados em histórias literárias são Inglês de Sousa, Marques de Carvalho e José Veríssimo. Para chegar a essa conclusão, realizei uma pesquisa em dezessete histórias literárias (Cf. SILVA, 2019).

³ Em artigo publicado na Revista da ANPOLL, Germana Maria Araújo Sales e Alan Victor Flor da Silva (2017) demonstram que cinco antologias foram elaboradas ao longo do século XX não apenas para promover o nome de escritores da Amazônia, como também para demonstrar que nessa região há um conjunto de autores merecedores de notoriedade no âmbito das letras nacionais. Segundo os autores, essas obras, contudo, pautaram-se em conceitos diferentes de literatura, em perspectivas distintas para a definição de um escritor amazônico e em critérios variados de inclusão e exclusão de autores e obras.

⁴ Com base em pesquisa no Google Acadêmico, foram encontrados apenas dois trabalhos acadêmicos sobre Paulino de Brito. O primeiro foi um artigo científico publicado em 2017 nos *Cadernos do Instituto de Letras* - um periódico vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nesse estudo, Hosana dos Santos Silva (2007) analisa o debate travado no início do século XX entre o gramático brasileiro Paulino de Brito e o gramático português Cândido de Figueiredo acerca dos chamados brasileirismos. O segundo, por sua vez, foi um artigo científico divulgado no livro *Literatura e artes na Amazônia paraense: registros e investigações*, lançado em 2019 pela editora Fi. Nesse trabalho, Suellen Cordovil da Silva (2019) apresenta um estudo desenvolvido à luz dos estudos da literatura fantástica acerca do conto “Numa pétala de rosa”, de Paulino de Brito, publicado em 17 de abril de 1887 no periódico paraense artístico e literário *A Arena*. Além desses trabalhos, Rebeca Soares de Lima (2016), em sua Dissertação de Mestrado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), analisou poemas produzidos por autores amazonenses que evocam a imagem do Rio Negro e, em meio às produções poéticas selecionadas, debruçou-se sobre o poema intitulado “Rio Negro”, escrito por Paulino de Brito.

- quase sempre de maneira muito respeitosa e enaltecida. Assim, a imprensa belenense oitocentista foi responsável pela consagração de Paulino de Brito em tão pouco tempo como um dos mais importantes homens de letras da capital paraense da época.⁵

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é traçar a trajetória de consagração de Paulino de Brito na imprensa periódica belenense oitocentista com o intuito de demonstrar como os periódicos que circularam na Belém do final do século XIX não apenas contribuíram para elevar a imagem do escritor amazonense diante dos leitores, como também para designá-lo como um dos maiores escritores radicados na capital paraense nas duas últimas décadas do Oitocentos.

A carreira de Paulino de Brito como jornalista e homem de letras teve início nas páginas do *Diário de Belém*.⁶ No dia 16 de maio de 1880, o jovem amazonense, aos 22 anos, estreou nessa folha com a publicação do poema “A morte de Evangelina”, cujo título era acompanhado pela seguinte dedicatória: “A seu extremoso padrinho, meu particular amigo, Antônio J. de Lima”. Nesses versos, o poeta expõe, de forma eufêmica e delicada, o falecimento da sobrinha

⁵ Marisa Lajolo (2001) e Márcia Abreu (2006) afirmam que escritores não nascem canônicos, mas tornam-se canônicos e, para alcançarem um lugar de prestígio no cânone literário, precisam passar por um conjunto de instâncias de legitimação. Tal perspectiva está relacionada ao fato de que a literariedade não é uma categoria intrínseca aos textos, mas também mantém relação com elementos que lhe são externos. As duas autoras elencam várias instâncias de legitimação responsáveis pela consagração de autores e obras, como as universidades, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos e as histórias literárias. Essas instâncias, contudo, adequam-se mais ao final do século XX e ao início do século XXI. Parece-nos, entretanto, que, no século XIX, há uma outra configuração: são os periódicos e o reconhecimento dos pares que se constituem como as vozes autorizadas nesse período a outorgar capital simbólico a escritores e produções literárias.

⁶ Segundo José Eustáquio de Azevedo (1970), o *Diário de Belém* foi o primeiro periódico a oferecer oportunidade e espaço para que jovens radicados na capital paraense a partir das últimas décadas do século XIX se aventurassem pela produção literária. Quase todos os escritores que surgiram nesse período começaram a atuar primeiramente no *Diário de Belém*. Antes disso, a imprensa periódica da Belém da época era dominada pela produção literária estrangeira - seja por meio da tradução, seja por meio da extração de publicações de cunho literário de jornais que circularam pelos mais distintos lugares do território brasileiro, sobretudo do Rio de Janeiro (Cf. SALES, 2007). Apesar da oportunidade e do espaço que o *Diário de Belém* cedeu aos jovens escritores que residiam na capital paraense, a produção literária estrangeira - predominantemente francesa - ainda imperava nas páginas desse jornal no final do século XIX.

de um amigo muito querido. A título de ilustração, vejamos apenas a transcrição da primeira estrofe do poema:

Pobrezinha! Quando apenas
Da aurora as nuvens serenas
Despontavam-lhe a sorrir,
Do mundo se despediu
Teve sono, teve frio,
Foi numa campa dormir!

Dessa data em diante, Paulino de Brito não parou mais de publicar poemas, contos e romances em diversos periódicos que circularam por Belém, assim como também o seu nome começou a ser estampado com bastante frequência nessas folhas pelos motivos mais diversos, a exemplo da participação em eventos onde o autor quase sempre declamava algum poema.

No início da penúltima década do século XIX, Paulino de Brito, mesmo que nesse período tenha começado a escrever os primeiros versos, já era constantemente convidado a recitar alguma produção poética em eventos especiais que ocorriam na capital paraense. Nessa época, tais apresentações do autor não passavam despercebidas pelos jornais belenenses.

No dia 16 de junho de 1881, o *Diário de Belém*, por exemplo, anunciou um espetáculo realizado em Belém na noite do dia anterior em benefício de Júlio César Ribeiro de Sousa, cuja arrecadação ser-lhe-ia destinada para auxiliá-lo no empenho de demonstrar em Paris a exequibilidade das suas teorias científicas sobre navegação aérea.⁷ Nesse evento, o *Diário de Belém* anunciou que “Os Srs. Paulino de Brito e Magalhães Castro recitaram [...] duas magníficas poesias. Foram todos freneticamente aplaudidos”.

Em 6 de agosto de 1882, por sua vez, foi noticiada no *Diário de Notícias* uma passeata realizada no dia anterior pela “mocidade paraense” e por alunos do Liceu Paraense a fim de saudar o famoso maestro brasileiro Carlos Gomes. Nessa

⁷ Júlio César Ribeiro de Sousa nasceu no dia 13 de junho de 1843, em Acará, município localizado no estado do Pará, e faleceu em Belém, capital do estado, no dia 14 de outubro de 1887, aos quarenta e quatro anos. Foi gramático premiado, poeta, jornalista, funcionário público e inventor. Destacou-se, no entanto, pelo pioneirismo no desenvolvimento da dirigibilidade aérea.

notícia, Paulino de Brito foi mencionado pela leitura de uma poesia que realizou depois do amigo e colega de ofício Teodorico Magno: “Em seguida, o sr. Paulino de Brito recitou também uma bonita produção poética”. Sobre esse mesmo evento, o *Diário de Belém* também anunciou no mesmo dia que “os srs. Teodorico Magno e Paulino de Brito recitaram em honra do maestro duas poesias que foram muito aplaudidas”.

Eram muito frequentes em periódicos da capital paraense ao longo das duas últimas décadas do século XIX publicações divulgando a participação de Paulino de Brito em diversos e distintos eventos - artístico-literários, humanitários, políticos, entre outros -, nos quais o poeta quase sempre declamava alguma poesia e, ao final, era (freneticamente) aplaudido pelos ouvintes.

As produções literárias assinadas pelo autor amazonense também não passavam despercebidas pelas folhas que circulavam pela Belém do século XIX. Depois que Paulino de Brito divulgou, aos 23 anos, o primeiro romance nas páginas do *Diário de Belém*, muitas apreciações críticas sobre essa obra foram publicadas em jornais da capital paraense, principalmente após publicá-lo em livro. “O homem das serenatas”, título do romance elaborado pelo escritor amazonense, começou a ser publicado na coluna *Folhetim* no dia 1º de janeiro de 1882. Nesse mesmo dia, o *Diário de Belém* lançou uma nota tecendo elogios ao estilo de Paulino de Brito a fim promovê-lo e chamando a atenção dos leitores para a publicação do romance do escritor amazonense. Vejamos:

Começamos a dar hoje publicidade a um pequeno romance *O homem das serenatas*, original do nosso distinto colaborador Sr. Paulino de Brito.
O público conhece o estilo fluente e agradável do Sr. P. de Brito e o modo porque trata ele os assuntos de que se ocupa, por isso limitamos a chamar a atenção dos nossos dignos leitores.

Após a conclusão desse romance no rodapé do *Diário de Belém* em 5 de março de 1882, periódicos começaram a anunciar meses depois o lançamento desse trabalho no livro intitulado *Tentativas literárias*, juntamente com o romance de Teodorico Magno - “Por causa de uma loucura” - lançado no mesmo diário

simultaneamente ao de Paulino de Brito.⁸ A partir desse momento, as folhas paraenses não pararam de emitir apreciações críticas elogiosas tanto aos dois romances reunidos num mesmo volume quanto ao talento dos dois autores.

A Constituição, no dia 2 de setembro de 1882, divulgou uma nota com a notícia de que seria tão logo publicado o volume contendo tanto “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito, quanto “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno. Nessa nota, o jornal teceu elogios aos dois jovens escritores: “Não precisamos recomendar tais produções aos nossos leitores: os nomes dos seus autores, dois noveis literatos, são bastante conhecidos por aqueles que entre nós se interessam por este gênero de trabalho”.

No dia seguinte, o *Diário de Belém*, por sua vez, também publicou uma nota sobre o lançamento próximo do volume contendo dois romances estampados há alguns meses no rodapé de suas páginas. Essa publicação insinua que essas produções eram procuradas pelos leitores do periódico quando ainda estavam sendo divulgadas em fascículos:

O interesse que tais produções inspiram aos nossos leitores e os constantes pedidos feitos a esta redação por aqueles que ligam suma importância a tal gênero de trabalho levaram os seus autores, os Srs. Paulino de Brito e Teodorico Magno, a empreender este tentame arrojado [a publicação das *Tentativas Literárias*], mormente nesta Província, onde a literatura jaz voltada a um quase completo abandono.

Nessa mesma nota, o *Diário de Belém*, assim como *A Constituição*, também teceu elogios aos jovens escritores: “dois notáveis literatos paraenses conhecidos pelo gosto apurado e essencialmente estético que costumam imprimir aos seus escritos”.⁹

⁸ “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno, foi um romance estampado na coluna *Folhetim* do *Diário de Belém* sob o pseudônimo de Eustáquio de Veleda, saiu à luz entre 6 de janeiro e 9 de março de 1882, foi distribuído em vinte e quatro fascículos numerados e composto em dez capítulos e mais uma conclusão. Na época em que o romance foi lançado em periódico, Teodorico Magno contava com apenas quinze anos de idade.

⁹ Apesar de ter nascido em Manaus, capital da província do Amazonas, Paulino de Brito, em razão de ter criado fortes raízes há muitos anos em Belém, capital da província do Pará, é, muitas vezes, considerado um cidadão paraense nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista.

Outros trabalhos publicados pelo autor também foram noticiados em periódicos da capital paraense. No *Diário de Notícias*, por exemplo, em 30 de setembro de 1884, começou a ser estampado em fascículos na coluna *Folhetim* o romance “Um lázaro moral”, de Paulino de Brito.¹⁰ Nesse mesmo dia, uma nota também foi divulgada no jornal recomendando essa mesma produção literária aos leitores. Essa nota apresenta elogios a esse trabalho literário - “um interessante romance” - e ao autor - “nosso talentoso patricio Paulino de Brito”; “inteligente moço, que já se recomenda por trabalhos literários de maior vulto”.

Algumas obras de Paulino de Brito anunciadas para saírem em livro também receberam a atenção da imprensa paraense. As *Modulações*, em 1884, foram divulgadas em anúncios estampados nas páginas de vários periódicos, mas, a partir da pesquisa em periódicos e em biografias do escritor amazonense presentes em enciclopédias, dicionários e antologias, tudo indica que esse “volume de poesias” nunca chegou a ser publicado. O *Diário de Belém*, porém, quando anunciou no dia 5 de outubro de 1884 o lançamento próximo da obra, teceu louvores ao livro - “um belo volume de poesias”; “uma obra digna de ser lida e relida com a mais severa atenção” - e ao autor - “primoroso poeta paraense”; “vigoroso atleta da poesia moderna brasileira”; “nosso distinto comprovinciano”. Convém ressaltarmos que essa apreciação crítica favorável a uma obra que não chegou a ser publicada - e, conseqüentemente, nem sequer chegou a ser lida pelo público em geral - revela que esse julgamento veiculado pelo *Diário de Belém* deve-se exclusivamente ao peso do nome do autor no círculo literário da capital paraense. Márcia Abreu (2006), por exemplo, afirma que o prestígio de um escritor é um elemento externo ao texto literário que influencia na “literariedade” de uma obra.

Na coluna *Literatura* do *Diário de Belém*, as *Noites em claro*, um volume de composições poéticas de Paulino de Brito recém-lançado, também receberam, no dia 1º de abril de 1888, uma crítica elogiosa assinada por Manoel Valente do

¹⁰ Esse romance começou a ser publicado em série no dia 30 de setembro de 1884, mas, após a publicação de alguns poucos fascículos, foi logo suspenso. O *Diário de Notícias* não ofereceu nenhuma justificativa aos leitores pela interrupção abrupta da narrativa de Paulino de Brito. Durante a pesquisa que realizamos, encontramos apenas oito fascículos desse romance.

Couto, jornalista e diretor do *Diário de Belém* entre 29 de março de 1885 e 31 de junho de 1888. Nessa publicação, o crítico divulgou que o poeta amazonense “acaba[va] de ilustrar as letras amazônicas com um trabalho mais do seu fecundo e invejável talento”.

No *Jornal das Novidades*, foi dividida em dois fascículos publicados em 1º e 2 de junho de 1888 uma crítica sobre as *Noites em claro* assinada por João de Deus do Rêgo, escritor e jornalista maranhense radicado na província do Pará. Nessa publicação, o crítico parabenizou Paulino de Brito por ter escrito “versos de uma adorável beleza lírica”, em vez de fazer “autopsias dando ao verso o privilégio de bisturi”; elogiou-o por ter cantado o amor “que santifica as almas lançando sobre elas as lucilações das mais adoráveis virtudes, das mais puras honestidades”, em vez de cantar o amor “que resulta das pecaminosidades da matéria e que termina com o maior indiferentismo quando esta descamba para os domínios da podridão”. A partir das palavras de João de Deus do Rêgo, percebemos que o crítico estava se referindo a uma efervescente discussão que havia entre escritores radicados na Belém do final do século XIX a respeito de escolas literárias. De um lado, havia autores que manifestavam veneração pelo Romantismo, a exemplo de Paulino de Brito, e outros que demonstravam verdadeiro entusiasmo pelo Naturalismo, a exemplo de Marques de Carvalho (cf. SILVA, 2019). João de Deus do Rêgo concluiu a crítica afirmando que Paulino de Brito era “um artista soberbo” e “as *Noites em claro* vão ser o maior acontecimento literário do ano fluente”.

Além das *Noites em claro*, os *Contos*, de Paulino de Brito, também não passaram despercebidos pela imprensa paraense. O *Diário de Notícias*, no final do mês de janeiro de 1892, divulgou algumas vezes um anúncio sobre o lançamento desse livro. Esse reclame colocava em evidência tanto a qualidade material quanto literária da obra: “Um elegantíssimo volume. Impressão luxuosa e nítida, em magnífico papel. Leitura tão amena, quanto inocente, este livro é o mais belo mimo que neste gênero se pode fazer a uma senhora inteligente”. O *Democrata*, em 21 de janeiro do mesmo ano, anunciou que foi mimoseado com os *Contos* e

teceu elogios ao autor da obra: “distinto literato da Amazônia, já vantajosamente conhecido no mundo das letras pelas suas produções”.

Na coluna *Galeria Alegre* do *Diário de Belém*, Paulino de Brito, em 23 de setembro de 1888, foi agraciado com um ensaio crítico-bibliográfico assinado sob o pseudônimo de RI-DENTE. Nessa publicação, o crítico apresentava como propósito promover um painel conciso e geral sobre a biografia e o trabalho literário do poeta nascido na província do Amazonas e afirmou que “de toda esta rapaziada que se atira às pugnas literárias é ele [Paulino de Brito] um dos mais estimados e mais lidos”. Apesar de considerá-lo um dos homens de letras de maior prestígio na capital paraense, RI-DENTE demonstrou-se ressentido apenas com o fato de esse mesmo escritor amazonense manter-se ainda filiado ao Romantismo. Vejamos: “O único defeito que [Paulino de Brito] tem, e que eu sinto muito, é pertencer ele à velha escola de 1830, cujo descambar já se faz sentir no mundo do pensamento”.

Embora tenha recebido muitos elogios pelos trabalhos literários que desenvolveu - seja em periódicos, seja em livros -, Paulino de Brito também foi alvo de críticas ferrenhas. No *Diário de Notícias*, no dia 28 de setembro de 1888, foi publicado um ensaio crítico intitulado “Os bobos em cena...”, assinado sob o pseudônimo de O REI GLOBO. Nesse trabalho, o autor do ensaio afirmou que Paulino de Brito era considerado na imprensa periódica da capital paraense um poeta e um romancista muito estimado e lido, mas o crítico assegurou que, se fosse perguntado aos leitores belenenses quem havia lido as produções literárias do escritor amazonense, receberia de todos - sem exceção - uma resposta negativa. O REI GLOBO certificou que a fama de Paulino de Brito foi fruto de um jogo de interesses baseado numa futura troca de favores e, por essa razão, tornou-se o chefe da literatura da Amazônia. Observemos:

Disseram em um grande coro:

- Cubramo-lo de elogios; façamos dele um portento, um prodígio, uma maravilha, uma coisa nunca vista; porque ele depois ver-se-á na dependência de corresponder à nossa dedicação, apresentando-nos ao público com a sua pena sublimada.

Segundo então o colaborador do *Diário de Notícias*, Paulino de Brito, em razão dos laços de camaradagem literária que o favoreciam, tornou-se, com efeito, uma figura de proeminente relevo na imprensa periódica belenense, mas não era, em contrapartida, um escritor muito lido: “Os leitores já leram por ventura as *Noites [em claro]* e já viram de que formato é o *Homem [das serenatas]*? Não, senhor, - todos me responderão”.

Além disso, O REI GLOBO afirmou também que o escritor amazonense cresceu à custa da pena elogiosa e laudatória dos confrades, mas, depois de ter conquistado fama e reconhecimento, não se aproveitou da influência que obteve para beneficiá-los. O crítico, por essa razão, encerrou o ensaio com as seguintes palavras: “Dele [Paulino de Brito] foi a posteridade, como profetizou. Os bobos... [os confrades] aos bastidores”.

No *Correio Paraense*, Paulino de Brito também recebeu uma crítica bastante irônica em relação a *O homem das serenatas*. Nesse jornal, foi publicada, em 23 de fevereiro de 1894, uma carta aberta destinada a Eugênio de Ataliba, assinada sob o pseudônimo de Pedro Faraó. Nessa missiva, o remetente ofereceu uma apreciação em relação aos versos produzidos por Eugênio de Ataliba estampados em panfletos encontrados na sua “paupérrima biblioteca”. Nesse espaço, o autor da carta afirmou também que encontrou alguns livros desaparecendo sob o furor das traças, como a *Ilíada*, de Homero, os *Pirilampos*, de Juvenal Tavares, e *Os miseráveis*, de Victor Hugo, enquanto *O homem das serenatas*, de Paulino de Brito, permanecia em perfeito estado de conservação. A partir dessa observação, Pedro Faraó, desprestigiando o romance do escritor amazonense, concluiu o seguinte: “Daí deduzi que as traças têm melhor paladar literário que muita gente boa”.

No geral, a produção literária de Paulino de Brito - seja em volume, seja em periódico; seja em verso, seja em prosa de ficção - foi muito bem avaliada em apreciações críticas divulgadas nas páginas da imprensa periódica belenense

oitocentista. A partir da pesquisa que realizamos, podemos afirmar que não houve nenhum outro escritor radicado na capital paraense que tenha recebido tantas críticas elogiosas em periódicos que circularam na Belém oitocentista.

Além de jornalista e escritor, Paulino de Brito era professor normalista, cujo trabalho docente também foi bastante exaltado em jornais.¹¹ No dia 9 de janeiro de 1881, foi publicada na segunda página do *Diário de Belém* uma nota que informava os leitores sobre um anúncio estampado na última página do jornal e elaborado pelos professores da Escola Tenreiro Aranha - Paulino de Brito e Raimundo Portugal. Esse anúncio divulgava os “melhoramentos importantes e que trarão incontestável vantagem” para a organização da instituição, como a redução do número de alunos por sala, o banimento de castigos corporais, o fornecimento pela escola de tinta, penas, papel e lápis, entre outros. Na nota, os dois professores receberam alguns elogios associados ao magistério:

Os Srs. [Paulino de] Brito e [Raimundo] Portugal são moços já bastante conhecidos pela sua aplicação ao estudo e aptidão para o magistério, e por isso cremos que cumprirão cabalmente a promessa, cooperando assim para o desenvolvimento da instrução, que é hoje a maior aspiração nacional.

Mesmo depois de ter publicado vários livros, de ter trabalhado em muitos periódicos e de ter conseguido terminar o curso de direito e começado a advogar, Paulino de Brito ainda continuou exercendo o magistério na penúltima década do século XIX trabalhando em escolas da capital paraense, a exemplo da Escola Normal e do Colégio Progresso. Diversos periódicos da capital paraense da época divulgavam notícias nas quais percebemos o nome do escritor amazonense vinculado a esses dois estabelecimentos de ensino. Tal fato demonstra que, assim como era comum no restante de todo o país no

¹¹ A partir da pesquisa em periódicos belenenses oitocentistas, pudemos verificar que Paulino de Brito exerceu o magistério em várias instituições de ensino localizadas em Belém, como Escola Tenreiro Aranha (posteriormente designada como Escola de São Vicente de Paulo), Colégio de Santa Luzia, Colégio Paraense (estabelecimento particular de educação para meninas), Ginásio Paraense (colégio de instrução primária para meninos), Colégio Amazonas, Liceu Paraense (Escola Normal) e Colégio Progresso.

mesmo período, no Pará do final do século XIX apenas a atividade literária não era suficiente para que um escritor pudesse obter o próprio sustento. Para tanto, Paulino de Brito, do mesmo modo que outros homens de letras radicados tanto na capital paraense quanto também em outras províncias do território brasileiro, teve de recorrer a outros ofícios, assim como o jornalismo, a advocacia, o funcionalismo público e o magistério.

Além de atuar no jornalismo, na literatura e no magistério, Paulino de Brito ainda se dedicava com muito afinco à causa abolicionista. Na capital da província do Pará, foi instituída em 1869 a Associação Filantrópica de Emancipação dos Escravos, destinada à libertação de negros escravizados, e o escritor amazonense era um sócio bastante ativo nessa instituição. Além disso, era membro do Clube abolicionista Patroni e também colaborador de *O Abolicionista Paraense*, periódico semanal cujo produto das vendas, para a qual não havia um preço estipulado, seria revertido em benefício para a libertação dos negros escravizados na cidade de Belém. Empenhado na causa antiescravagista, Paulino de Brito, por exemplo, proferia conferências na capital paraense a favor da luta abolicionista. Esse fato também não passou despercebido pelos jornais da capital paraense.

Entre o final de março e o início de abril de 1882, o *Diário de Belém* vinha anunciando uma conferência abolicionista a ser realizada no dia 9 de abril no Theatro da Paz por Paulino de Brito como membro da Associação Filantrópica de Emancipação dos Escravos. Dois dias depois, o jornal publicou um ensaio no qual narrava como havia sido o evento. Nessa publicação, foi colocado em evidência o discurso do orador - “o talentoso Sr. Paulino de Brito”. Vejamos:

O orador provou que a liberdade é a maior conquista dos povos modernos e que por isso a privação desta mesma liberdade é a mais flagrante de todas as injustiças. Disse que a escravidão é contrária ao cristianismo, e citou como exemplo a influência benéfica e irresistível que ele exerceu, logo em seu aparecimento, na sorte dos escravos romanos.

Que a escravidão nos humilha perante as outras nações e é incompatível absolutamente com o grau de civilização a que temos atingido.

Acrescentou que nem mesmo por egoísmo devemos conservá-la, pois é ela o único obstáculo à prosperidade do país, por ser a causa da decadência da nossa agricultura, e afugentar a emigração estrangeira, a única tábua de salvação que se oferece para a mesma agricultura que é a principal riqueza do Brasil.

Mostrou a influência perniciosa da escravidão no seio da família, e a insuficiência do serviço do escravo em relação aos sacrifícios que ele custa.

Disse que estando a província em melhores circunstâncias que nenhuma outra para realizar a extinção da escravidão, temos o dever de tirar partido dessas circunstâncias.

E concluiu que devemos trabalhar ativamente para a consecução deste *desideratum* pelo meio que está ao nosso alcance, que é o das emancipações, com a diferença que se deve fazer em grande escala o que até agora se tem feito em pequena.

E ao finalizar acrescentou que além do mais há nisto uma questão de glória, que nos deve inflamar, porque perante a civilização a primeira província do Brasil será aquela que primeiro poder lançar este grito de vitória - NÃO TENHO MAIS UM SÓ ESCRAVO EM MEU SEIO!

A publicação de um resumo do discurso proferido por Paulino de Brito demonstra o interesse do jornal em colocar em evidência não apenas o engajamento do autor amazonense numa causa humanitária, como também o conhecimento que esse jovem escritor possuía em relação aos problemas sociais, econômicos e políticos do país e, em particular, da província do Pará. Além disso, a escolha de Paulino de Brito para orador de uma conferência abolicionista, em meio aos mais de trezentos sócios da associação filantrópica a favor dos escravos, demonstra o crédito atribuído ao escritor para discutir o assunto.

Após resumir o discurso realizado por Paulino de Brito, o *Diário de Belém* ainda anunciou que “foi o ilustre orador freneticamente aplaudido e cumprimentado por muitos de seus amigos e admiradores”. Esse fato demonstra a intenção do periódico em ressaltar a aprovação da palestra do escritor amazonense pelo público presente na conferência.¹² Em suma, a publicação de um resumo

¹² De acordo com uma nota publicada em 26 de abril de 1884 no *Diário de Notícias*, as conferências abolicionistas realizadas por Paulino de Brito não se restringiram apenas ao território da capital paraense: “No dia 19, em Manaus, ocupou a tribuna o sr. Paulino de Brito, numa conferência abolicionista, que teve lugar no palácio da presidência”.

detalhado sobre essa palestra revela o interesse do *Diário de Belém* em promover a figura de Paulino de Brito, um dos colaboradores desse jornal.

Paulino de Brito, no entanto, não se demonstrou interessado apenas com a situação dos negros escravizados, como também com a situação dos órfãos do Orfanato Paraense. *A Pátria Paraense*, em 18 de julho de 1894, divulgou a participação do escritor amazonense num evento em benefício do referido orfanato organizado pelo professor Roberto de Barros e realizado no dia 14 do mesmo mês. Nesse evento, Paulino de Brito leu uma poesia que mereceu elogios do periódico: “Chamamos a atenção dos nossos leitores para o bonito trabalho daquele poeta que tem sempre boas inspirações para assuntos que se prendem à caridade e aos sentimentos são da alma”. Em seguida, o poema foi reproduzido em *A Pátria Paraense*. Apenas a título de curiosidade, reproduzimos a última estrofe dessa produção poética:

Socorramos a inocência!
Não será possível mais,
Nem anjinhos na indigência,
Nem criancinhas sem pais!
Não! Jamais pelas estradas,
Sem arrimo, abandonadas,
Errarão tristes e sós!
Que importa se os pais morreram?
Aqueles que os pais perderam
São filhos de todos nós!

Essa não foi a única vez em que o escritor amazonense participou de um evento em auxílio ao Orfanato Paraense. *O Pará*, em 18 de maio de 1898, anunciou que na noite do dia anterior foi realizado no Theatro da Paz um festival artístico em benefício desse mesmo orfanato. A presença de Paulino de Brito nesse evento, de acordo com a notícia veiculada no jornal, foi um grande acontecimento. Vejamos:

Ao pisar no palco o mavioso poeta e distinto cronista da Amazônia dr. Paulino de Brito estrondou uma longa salva de palmas, recitando ele, em seguida uma poesia adequada ao ato, belíssima produção sua [...]. Os aplausos foram ainda mais prolongados, voltando ao palco o dr. Paulino de Brito que recitou de novo sua poesia sendo com delírio vitoriado.

Nos jornais da capital paraense da época, Paulino de Brito também era muito venerado pelos colegas de ofício. Muitos homens de letras radicados em Belém, por exemplo, dedicavam as produções literárias que criavam ao escritor amazonense. No dia 25 de março de 1882, foram publicados na terceira página do *Diário de Belém* dois poemas dedicados a Paulino de Brito: “O proscrito”, de J. A. Magalhães Castro, e “Impavidum ferient”, de Teodorico Magno. A dedicatória da primeira produção poética foi escrita em letras maiúsculas: “AO MEU INSEPARÁVEL AMIGO - PAULINO DE BRITO”. A segunda também foi escrita em letras maiúsculas e ainda foi inserida entre parênteses: “(AO MEU AMIGO PAULINO DE BRITO)”.

Em fevereiro de 1885, Paulino de Brito recebeu muitos elogios dos amigos e colegas de ofício nas páginas da imprensa periódica. O autor amazonense passou três anos solicitando uma subvenção à Assembleia da província do Pará a fim de seguir os estudos superiores, mas não a conseguiu. Diante de tal recusa, tentou logrã-la pela província do Amazonas, mas também não obteve nenhum êxito. Para que Paulino de Brito pudesse entrar para a Faculdade de Direito da província de São Paulo, diversos amigos, estudantes e admiradores reuniram-se e dirigiram-se à atriz portuguesa Emília Adelaide para que a famosa artista realizasse um espetáculo cujo produto fosse revertido em benefício ao escritor amazonense. A atriz aceitou o convite.

Convém colocarmos em evidência a importância dos amigos e colegas de ofício no processo de consagração de Paulino de Brito. Se não fosse pelo empenho dos seus admiradores e dos pares, homens de letras e jornalistas, o autor amazonense não teria conseguido realizar os estudos na área do Direito.

Em 19 de fevereiro de 1885, essa mesma notícia foi veiculada em vários periódicos paraenses, como o *Diário de Belém*, o *Diário de Notícias* e *O Liberal do Pará*. Nessas publicações, não faltaram elogios a Paulino de Brito: “nosso inteligente patricio” (*Diário de Notícias*), “distinto moço, já vantajosamente conhecido e apreciado entre nós” (*Diário de Belém*) e “Paulino de Brito, que

[...] via-se impossibilitado de cultivar a brilhante inteligência que possui, e que é por todos reconhecida” (*O Liberal do Pará*).

Em 24 de fevereiro de 1885, foram estampadas na coluna *Folhetim* do *Diário de Belém* publicações diversas reunidas a partir do seguinte título: “Homenagem a Paulino de Brito”. Nesse espaço do jornal, amigos e admiradores do escritor amazonense lhe destinaram elogios e algumas palavras de afeto. Júlio César, por exemplo, afirmou que considerava Paulino de Brito um “poeta na rigorosa acepção da palavra e um dos mais vigorosos talentos da nova geração do nosso país”. Júlio César também asseverou que o escritor amazonense, “se continuar a cultivar a brilhante inteligência de que é dotado”, “tornar-se-á necessariamente, pelo menos, um dos mais proeminentes vultos da literatura brasileira, onde já ocupa um lugar invejável, apesar da sua pouca idade e do pouco tempo que lhe tem sobrado para o estudo”. Átila Soares de Lima, por sua vez, expressou que “Paulino de Brito é talvez, apesar da sua pouca idade, o escritor mais fecundo da Amazônia. Seu talento brilha em toda parte com o fulgor de astro radiante”.

Em 27 de fevereiro, a coluna *Folhetim* do *Diário de Belém* - sob o título “Um ramalhete ao talentoso literato Paulino de Brito” - foi novamente destinada a homenagens e elogios ao escritor amazonense pelos seus colegas de ofício e amigos admiradores, a exemplo de Antônio Marques de Carvalho, Múcio Javrot e Joaquim Sarmanho.

Para além do rodapé da segunda página do *Diário de Belém*, foi publicado na coluna *Letras e Artes* desse mesmo jornal em quatro fascículos - lançados em 24, 25, 26 e 27 de fevereiro de 1885 - um artigo de caráter crítico-bibliográfico assinado por Marques de Carvalho cujo título recebia o nome de Paulino de Brito. Nessa publicação, Marques de Carvalho, a fim de homenageá-lo, teceu considerações sobre a vida, a prosa e a poesia do escritor amazonense e destinou também ao amigo e colega de ofício muitos elogios impregnados de afetuosidade. Na conclusão do artigo, o autor paraense, por

exemplo, considerou Paulino de Brito como “uma das mais fulgentes glórias futuras da literatura brasileira”.¹³

O esperado espetáculo em benefício de Paulino de Brito foi realizado no dia 24 de fevereiro de 1885 no Theatro da Paz, onde foi encenado um drama dividido em 5 atos, originalmente escrito em italiano pelo comendador Achille Montignani e traduzido por Agrippino Azevedo e Victor Lobato - “Vício de educação”. Essa peça, segundo os anúncios divulgados nas folhas paraenses, obteve sucesso nos principais teatros italianos e franceses e foi expressamente traduzida para ser representada pela primeira vez na capital paraense.

No dia 27 do mesmo mês, o *Diário de Belém* publicou na coluna *Folhetim* uma crítica ao espetáculo realizado em benefício de Paulino de Brito. Nessa publicação, esse espetáculo foi anunciado como um verdadeiro acontecimento na capital paraense. Em resumo, o teatro estava repleto de admiradores do escritor amazonense, o drama encenado foi um sucesso e a plateia, durante todo o evento, estava entusiasmada. Na ocasião, o beneficiado recebeu, além de muitos aplausos e aclamações, inúmeros presentes, como poesias, discursos, flores, “uma rica encadernação de uma obra de Direito, oferecida pelo dr. Cordeiro de Castro, presidente da Associação Filantrópica de escravos” e “por uma outra comissão de moços o seu retrato à crayon, tirado no Amazonas por Magalhães Castro”. É possível observarmos que Paulino de Brito, na crítica que o *Diário de Belém* ofereceu ao espetáculo, recebeu muito mais notoriedade do que a própria encenação da peça de teatro protagonizada por Emília Adelaide. Tal fato, portanto, revela a nítida intenção do jornal em colocar o autor amazonense em posição de grande destaque em meio a esse acontecimento.

¹³ Marques de Carvalho sempre demonstrou um entusiasmo e uma admiração muito grande por Paulino de Brito. Em todas as publicações em que dirigiu apreciações críticas ao escritor amazonense, sempre o menciona de uma forma muito respeitosa e afetuosa. A única crítica que Marques de Carvalho muitas vezes lhe devotou deve-se ao fato de Paulino de Brito, durante toda a sua carreira de escritor, conservar-se fiel ao Romantismo numa época em que o Naturalismo era a moda literária do momento e representava a promessa de uma nova forma de fazer literatura.

Embora estivesse longe da província do Pará em razão dos estudos de Direito, Paulino de Brito ainda assim se tornava notícia nas páginas dos jornais que circulavam por Belém. Para exemplificar, o *Diário de Belém*, em 17 de abril de 1886, felicitava o estudante de direito pelo formidável desempenho acadêmico no primeiro ano de faculdade. Vejamos:

Na faculdade de direito de S. Paulo fez ato do 1.º ano, no dia 24 de março e foi aprovado plenamente o distinto e talentoso acadêmico, Paulino de Almeida Brito. Foi ele, de entre os demais alunos desse ano, o único que obteve aprovação plena. Felicitamos o jovem estudante e a sua ex.^{ma} família.

Mesmo distante da capital paraense em razão dos estudos, Paulino de Brito ainda realizava algumas visitas a Belém. Quando se encontrava na capital paraense, os jornais paraenses da época noticiavam a presença do estudante de direito em terras amazônicas. O *Diário de Notícias*, por exemplo, em 7 de maio de 1886, publicou a seguinte nota: “Acha-se entre nós o talentoso paraense Paulino de Brito. Cumprimentamo-lo”.

572

O estimado estudante também se tornava notícia quando precisava retornar para a faculdade de direito. O *Diário de Belém*, em 16 de setembro de 1886, estampou a seguinte publicação com o nome de Paulino de Brito em salientes letras maiúsculas como título: “No *Espírito-Santo*, a sair hoje para os portos do Sul, segue com destino a Pernambuco o talentoso acadêmico paraense Paulino de Brito, nosso particular amigo, que vai cursar as aulas do 2.º ano da academia do Recife”.¹⁴

Quando o escritor amazonense se graduou, esse episódio também não passou despercebido pelos jornais. Os amigos e homens de letras de uma sociedade literária da qual Paulino de Brito era o presidente - as Palestras literárias mensais - prepararam um “banquete literário” para comemorar com o mais

¹⁴ De acordo as publicações em periódicos belenenses oitocentistas, Paulino de Brito começou o curso de Direito na Faculdade de São Paulo, mas terminou por concluí-lo na Faculdade do Recife.

novo bacharel em direito e convidaram os jornalistas da capital. No dia 30 de novembro de 1889, *O Liberal do Pará* divulgou essa comemoração e aproveitou a oportunidade para agradecer o convite:

« **Palestras literárias mensais** ». - Esta sociedade de homens de letras, que há muito funciona nesta capital, soleniza hoje a colação de grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais conferido ao seu digno presidente de honra, o poeta Paulino de Brito, pela faculdade de Recife.

Para esse fim a mesma associação prepara um banquete literário, às 7 horas da noite, no salão do restaurante Coelho.

Agradecidos pelo convite, prevalecemo-nos da oportunidade para felicitar o novo bacharel.

Depois de formado e de volta ao Pará, Paulino de Brito, entre o jornalismo, as letras e o magistério, exerceu mais ainda a profissão de advogado. Em 21 de dezembro de 1894, foi publicada na coluna *Solicitados* do *Diário de Notícias* uma nota parabenizando pela vitória a vítima - José Olímpio Pereira de Melo - e o “ilustre” advogado da vítima - Paulino de Brito. O mesmo periódico, entre fevereiro e junho de 1895, publicou repetidas vezes uma nota noticiando que o bacharel amazonense abriu um escritório de advocacia onde se encontrava das 10 horas da manhã às 5 horas da tarde. *A República*, entre março de 1890, também anunciou várias vezes o endereço do escritório do advogado Paulino de Brito.

As viagens de Paulino de Brito - seja do Pará para outras províncias, seja de outras províncias para o Pará - não se restringiram apenas ao período em que o autor estava estudando para tornar-se bacharel em direito. Essas viagens, antes, durante e depois dos estudos, eram noticiadas nas páginas da imprensa paraense com muita frequência e em tom sempre respeitoso e elogioso. *O Democrata*, por exemplo, em 17 de janeiro de 1890, anunciou a chegada do escritor amazonense de Manaus: “Foi passageiro do paquete nacional «Pernambuco», ontem chegado da capital do Estado do Amazonas, o nosso ilustrado compatriota dr. Paulino de Brito, uma das belas mentalidades da Amazônia. Cumprimentamos o digno homem de letras”. *O Correio Paraense*, por sua vez, em 18 de janeiro de 1893, anunciou a chegada de Paulino de Brito

também da capital do estado do Amazonas: “Chegou ontem de Manaus o nosso estimável colega do «Diário de Notícias», dr. Paulino de Brito, acompanhado da família. Cumprimentamo-lo”. Essas publicações demonstram como o escritor amazonense radicado no Pará era uma figura notória nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista.

O estado de saúde de Paulino de Brito também recebia atenção das folhas paraenses. O *Diário de Notícias*, por exemplo, em 10 de fevereiro de 1887, estampou um comunicado sobre o debilitado estado de saúde do autor: “Tem estado um pouco doente, na povoação do Pinheiro, o sr. Paulino de Brito. Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento”. O mesmo jornal, em 17 de agosto de 1893, publicou outra nota informando que o escritor amazonense estava doente: “Acha-se acamado o nosso distinto amigo e ilustre jornalista e literato amazonense Dr. Paulino de Brito. Fazemos votos pelo pronto restabelecimento do prestante cidadão”.

Paulino de Brito também se tornava notícia ao longo dos anos na imprensa periódica da capital paraense por outros diversos motivos, como pela data de aniversário e pelos casamentos. O aniversário do escritor amazonense, por exemplo, foi noticiado algumas vezes na imprensa paraense. *A República*, em 11 de abril de 1890, emitiu uma nota a fim de felicitá-lo por mais um ano de vida: “Felicitamos o nosso distinto colega e amigo dr. Paulino de Brito pelo seu aniversário natalício, augurando-lhe as mais risonhas felicidades”. *A Folha do Norte*, em 10 de abril de 1896, também divulgou uma nota em que parabenizava Paulino de Brito pelo aniversário um dia depois da data: “Passou ontem o aniversário natalício do ilustre sr. dr. Paulino de Brito, distinto homem de letras da Amazônia e nosso prezado confrade do jornalismo”.

Sobre os matrimônios do escritor amazonense, Paulino de Brito casou-se duas vezes: a primeira vez ocorreu em 1890 com Hermínia de Amorim, mas a primeira esposa do literato amazonense faleceu em 1897; o segundo casamento de Paulino de Brito, por sua vez, foi realizado em 1899 com Maria Dias Corrêa

de Miranda. O primeiro casamento foi noticiado por *A República* em 12 de dezembro de 1890: “O estimável confrade d’*A Província do Pará* noticiou ontem haver, em Manaus, contraído matrimônio o distinto literato paraense dr. Paulino de Brito com a exma. sra. d. Hermínia de Amorim”. O segundo casamento, por sua vez, foi propagandeado por *O Pará* em 5 de fevereiro de 1899: “Temos grande satisfação em comunicarmos aos inúmeros amigos e admiradores do nosso brilhante colega de imprensa dr. Paulino de Brito o seu enlace matrimonial com a exma. sra. d. Maria Dias Corrêa de Miranda”.

A partir dessas notícias sobre aniversários e casamentos, podemos perceber que, além da atividade da produção literária, das viagens e das participações em eventos artísticos, literários, sociais e políticos, a vida pessoal de Paulino de Brito passou a interessar aos jornais, pois o autor tornou-se uma figura notória na capital paraense.

Além disso, a notoriedade do escritor amazonense em Belém era responsável ainda pelo fato de periódicos paraenses publicarem notícias a respeito de membros da família do autor, como os filhos, a esposa, a mãe e a avó. *O Diário de Notícias*, em 27 de março de 1892, noticiou o batizado de um dos filhos de Paulino de Brito: “Anteontem à tarde recebeu as águas lustres do batismo o inocente Geraldo, estremecido filhinho do nosso amigo e colega dr. Paulinho de Brito”. Em 24 de outubro de 1897, o mesmo jornal divulgou uma nota sobre o estado de saúde da primeira esposa do escritor amazonense: “A exma. esposa do nosso ilustre confrade dr. Paulino de Brito, que se acha acamada, já vai experimentando sensíveis melhoras”. *O Pará*, em 6 de janeiro de 1899, publicou uma nota parabenizando a mãe de Paulino de Brito pelo aniversário: “Tem disso muito cumprimentada e obsequiada hoje, desde pela manhã, em razão da passagem do seu aniversário natalício, a respeitável e veneranda senhora dona Ricarda de Almeida Brito, mãe dos srs. drs. Paulino e Heliodoro de Almeida de Brito”. *O Diário de Notícias*, em 11 de julho de 1885, anunciou o falecimento da avó do escritor amazonense: “No dia 19 de julho findo faleceu na vila de Moura, província do Amazonas, a respeitável matrona, exma. sra. d. Maria Clara

Brandão, avó do talentoso poeta Paulino de Brito. Essa veneranda senhora deixou os seguintes descendentes: 8 filhos, 51 netos e 44 bisnetos”.

Além das notas sobre viagens e o estado de saúde do autor, as homenagens a Paulino de Brito também eram registradas pelos periódicos que circularam pela capital paraense da época. Admiradores do escritor amazonense, por exemplo, tentaram homenageá-lo com a idealização de agremiações literárias designadas com o seu nome. O *Diário de Belém*, em 19 de junho de 1886, anunciou que alguns estudantes da capital paraense resolveram fundar um clube com o intuito de ativar o movimento literário “infelizmente um tanto amortecido entre nós”. Segundo o jornal, a primeira denominação a ser atribuída ao clube seria Clube Literário Paulino de Brito, mas, a pedido do próprio escritor amazonense, a agremiação literária recebeu a alcunha de Clube Literário Teodorico Magno, como uma “homenagem a este talentoso poeta tão prematuramente roubado às letras pátrias”. Dessa forma, o desejo de atribuição do nome de Paulino de Brito a uma instituição literária revela a importância outorgada ao escritor amazonense no âmbito das letras na província do Pará.¹⁵

O nome de Paulino de Brito não foi idealizado apenas para uma instituição literária, mas também foi escolhido para ser o título de um livro. *A Arena*, periódico artístico e literário, divulgou em 1887 um anúncio acerca do perfil literário de Paulino de Brito, assinado por Marques de Carvalho e lançado em volume. Esse anúncio informava os leitores do periódico que o mais recente trabalho do escritor paraense tinha acabado de sair do prelo. Esse opúsculo estava sendo vendido pela quantia de 1\$500 e podia ser encontrado em vários estabelecimentos, como na Livraria Universal, na Livraria Clássica, na Livraria Popular, entre outros. *O Liberal do Pará*, em 1887, também divulgou vários anúncios sobre o perfil literário de Paulino de Brito escrito por Marques de Carvalho.

¹⁵ Pela ausência em periódicos paraenses oitocentistas de notícias sobre o Clube Literário Teodorico Magno, supomos que essa agremiação literária não perdurou por muito tempo.

De igual modo, o nome de Paulino de Brito também já foi atribuído a um jornal. Em 19 de janeiro de 1890, *O Democrata* publicou uma nota sobre a publicação desse jornal. Vejamos: “Com este título [Paulino de Brito] sairá hoje das oficinas tipográficas dos srs. Pinto Barbosa & C.^a o número único de um periódico dedicado ao ilustrado dr. Paulino de Brito, com o retrato deste, litografado por Carlos Wiegandt”. Em 21 de janeiro do mesmo mês, o mesmo periódico ainda anunciou o recebimento de um exemplar do jornal em homenagem a Paulino de Brito:

Recebemos o número único desta importante publicação [*Paulino de Brito*], editada em honra do ilustre homem de letras dr. Paulino de Brito.

Vem repleto de artigos encomiásticos e poesias de diversos escritores paraenses, que unânimes rendem o devido preito ao belo talento daquele dr.

Agradecidos pela remessa de um exemplar que nos foi oferecido.

O Diário de Notícias, em 21 de janeiro de 1890, também divulgou uma nota a respeito do lançamento desse periódico: “Com o título acima [Paulino de Brito] foi distribuído ontem o número único de um jornal em homenagem ao poeta amazônico dr. Paulino de Brito. Na 1^a página traz o retrato do poeta e artigos de diversos escritores paraenses”.

Podemos perceber que Paulino de Brito era uma figura noticiada frequentemente em periódicos paraenses e apreciada por amigos e colegas de ofício. Entre os amigos veneradores de Paulino de Brito, Marques de Carvalho, sem dúvida, foi o mais interessado em tecer elogios ao amigo e colega de ofício nas páginas da imprensa periódica da capital paraense. Na coluna *Folhetim* do *Diário de Belém*, no dia 17 de fevereiro de 1882, Marques de Carvalho publicou uma carta recusando o convite que lhe havia sido feito pelos fundadores da Associação Protetora dos Variolosos Indigentes para que se tornasse presidente dessa instituição beneficente, pois, segundo o próprio autor paraense, “é impossível aceitar tal cargo, já porque nada valho, nem disponho dos dotes necessários ao progresso da vossa Associação, já porque as minhas ocupações

quotidianas tomam-me todo o tempo”. Apesar disso, Marques de Carvalho, para demonstrar que partilhava da causa humanitária e benemérita em benefício dos variolosos, comprometeu-se a escrever uma pequena comédia que lhe foi encomendada pela associação e afirmou também que Paulino de Brito, comprometendo-se também pelo amigo e colega de ofício, escreveria um drama. Em seguida, Marques de Carvalho enalteceu Paulino de Brito e, em relação a esse mesmo jovem literato amazonense, colocou-se como um escritor menor:

Paulino de Brito também escreverá o drama de que me falais na vossa carta; garanto-vos que será uma obra-prima exuberante de cenas comoventes e belas, ornadas dessas cores brilhantes de uma verdadeira paixão, que saem do bico da pena de Paulino de Brito com a mesma facilidade e formosura com que saem da garganta do rouxinol essas notas extensas, lindas, ternas e sublimes, quando o sol se esconde por trás das montanhas que rodeiam os pitorescos lagos da encantadora Suíça...

Só assim é que me atrevo a escrever a minha pobre comédia, que, comparada com o drama de Paulino, bem pouco valerá por certo.

Além dos louvores que dedicou ao escritor amazonense em publicações periódicas de naturezas diversas, Marques de Carvalho aproveitou-se também da publicação de um romance naturalista que estava publicando em fatias seriadas na coluna *Folhetim* de *A República* em 1887 - “O pajé” - para promover a produção literária de Paulino de Brito. No quinto fascículo dessa narrativa, lançado em 22 de janeiro, o narrador, quando descreve o quarto da protagonista, menciona nesse cômodo a presença do primeiro romance do autor amazonense: “À cabeça da cama velador de jacarandá sustentava alguns vidros de medicamentos, um castiçal de prata, uma xícara e um livro brochado, - *O Homem das Serenatas*, de Paulino de Brito”.¹⁶ Assim, Marques de Carvalho insinua que a heroína, representante de uma classe abastada da sociedade paraense do final do século XIX, é uma leitora do primeiro romance de Paulino

¹⁶ A partir do romance de Marques de Carvalho, é possível inferirmos que, depois de ter lançado em volume, sob o título de *Tentativas literárias*, “O homem das serenatas”, juntamente com “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno, Paulino de Brito tenha republicado em livro, anos depois, o seu primeiro romance separadamente do trabalho do mesmo gênero escrito pelo jovem amigo e colega de ofício paraense.

de Brito. Dessa maneira, percebemos a nítida intenção do escritor paraense de aproveitar-se do ambiente ficcional para promover a produção literária do amigo e colega de ofício.

No final da penúltima década do século XIX, Paulino de Brito já era considerado um escritor consagrado nas páginas da imprensa periódica da capital paraense e entre os amigos e colegas de ofício. Nesse período, o escritor amazonense, em publicações que se propunham a tecer considerações sobre a situação da literatura paraense ou amazônica, sempre era vinculado ao grupo de alguns poucos homens de letras na Belém oitocentista de merecido talento. Foi publicado no *Diário de Notícias*, em 2 de maio de 1888, um ensaio intitulado “Noblesse oblige” assinado sob o pseudônimo de “Um maranhense”. Nessa publicação, o autor afirmou que

Os sócios da confraria dos elogios mútuos não medem o ridículo em que estão caindo todos os dias esforçando-se para impor-se ao público como os únicos poetas e literatos da Amazônia. Os nomes citados são sempre os mesmos. Se lá vêm entre eles talentos de algum merecimento, como Marques de Carvalho e Paulino de Brito, empurram outros nomes de verdadeiros pedantes, sujeitos que à fina força querem fazer jus a uma celebridade, para a qual, aliás, não têm documentos valiosos.

Como podemos observar, o autor desconhecido atribuiu o título de “talentos de merecimento” apenas a dois escritores radicados na capital paraense: Marques de Carvalho e Paulino de Brito. Os demais nomes, segundo o jornalista, foram inseridos à força em meio ao grupo de literatos da Amazônia, pois não apresentavam produções literárias valiosas.

Na *Folha do Norte*, foram lançadas por Vilhena Alves em 6, 7, 8, 9, 10 de maio de 1896 as “notas ao artigo - Santa Helena Magno” publicado na *Revista de Educação e Ensino* de outubro de 1895.¹⁷ Nessa publicação, o autor traçou um panorama sobre a produção literária dos escritores radicados na capital

¹⁷ Vilhena Alves foi um dos primeiros poetas paraenses. Durante a carreira, publicou, em 1868, as *Monodias* (poesia), o único livro que o autor publicou em vida. Dedicou-se também há anos ao magistério público e particular.

paraense, como Júlio César, Teodorico Magno, Paulino de Brito, Marques de Carvalho, Frederico Rhossard, João de Deus do Rêgo, Guilherme de Miranda, Juvenal Tavares, entre outros. Em relação ao autor amazonense, Vilhena Alves afirmou que “Paulino de Brito é, na minha humilde opinião, um dos melhores literatos do norte do Brasil”.¹⁸

Como procuramos demonstrar, Paulino de Brito pode não ser hoje um escritor conhecido, mas foi uma figura que obteve em muito pouco tempo uma notoriedade na capital paraense do final do século XIX. As participações em eventos, as viagens, a vida pessoal e, sobretudo, as produções literárias não passaram despercebidas pelas páginas dos veículos de imprensa da capital paraense da época. Além disso, os amigos e colegas de ofício sempre demonstraram muito apreço por Paulino de Brito quando lhe dedicavam alguma produção literária e divulgavam nas páginas das folhas periódicas apreciações críticas sobre as obras assinadas pelo escritor amazonense. Convém também assinalarmos a importância dos pares para que Paulino de Brito pudesse obter algum auxílio para concluir o curso de direito. Esses laços de amizade no meio literário no qual o autor amazonense estava inserido evidenciam a importância das relações entre autores e jornalistas durante o Oitocentos para que um escritor pudesse adquirir importância no mundo das letras e, posteriormente, alcançar a consagração.

A partir do panorama que traçamos sobre o literato amazonense radicado na Belém oitocentista, percebemos que Paulino de Brito, em poucos anos e ainda muito jovem, foi uma figura que teve uma notoriedade bastante expressiva em periódicos que circularam pela capital paraense nas duas últimas décadas do século XIX em relação a todas as atividades pelas quais se aventurou: professor, abolicionista, jornalista, advogado e literato. Essa visibilidade da qual o escritor amazonense desfrutou desde muito cedo, portanto, pode ser atribuída não

¹⁸ Na mesma publicação, Vilhena Alves concedeu um elogio semelhante apenas a José Veríssimo: “incontestavelmente um dos mais robustos talentos da geração atual. Não somente ótimo literato, mas também homem de ciência, e em geral profundo em todas as matérias em que emprega a sua potente mentalidade”.

apenas ao desempenho da imprensa periódica belenense oitocentista, como também ao esforço empreendido pelos admiradores do autor e pelos pares, jornalistas e homens de letras. Tal fato conferiu a Paulino de Brito, ao menos à luz da imprensa da capital paraense e aos olhos dos amigos e colegas de ofício do intelectual amazonense, o título de literato mais importante da província do Pará no final do século XIX.

Apesar disso, Paulino de Brito, em décadas mais tarde, vai surgir na imprensa periódica belenense apenas como mais um escritor a cair muito em breve no total esquecimento. No *Diário do Pará*, por exemplo, o antropólogo Romero Ximenes, em 8 de fevereiro de 1987, publicou o artigo “A literatura e a identidade regional”, no qual se perguntou: “Quem leu na escola [...] Paulino de Brito e suas obras ‘Cantos Amazônicos’, ‘O Homem das Serenatas’ e ‘Histórias e Aventuras’?”. Nessa publicação, o antropólogo ressentia-se pelo fato de o escritor amazonense, assim como outros colegas de ofício paraenses, não ser conhecido nem lido.

Dessa forma, Paulino de Brito demonstra que um escritor, por um lado, pode conhecer a glória literária ainda em vida e muito jovem, mas, por outro, pode tornar-se desconhecido em algumas décadas depois do falecimento.

REFERÊNCIAS

1- Bibliografias

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.

AZEVEDO, José Eustáquio de. *Antologia amazônica: poetas paraenses*. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

LIMA, Rebeca Soares de. *Rio Negro em poemas: reflexos do homem*. 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes. Manaus, 2016.

SALES, Germana Maria Araújo; SILVA, Alan Victor Flor da. Os escritores da Amazônia do século XIX para além das histórias literárias. *Revista da ANPOLL*, v. 1, p. 35-47, 2017.

SILVA, Hosana dos Santos. Língua e poder: revisitando os debates entre Paulino de Brito e Cândido de Figueiredo. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, v. 1, p. 114-129, 2017.

SILVA, Alan Victor Flor da. *Vida literária na Belém oitocentista: a contribuição do Diário de Belém para o desenvolvimento das Letras na capital paraense (1882-1889)*. 2018. 306 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2018.

SILVA, Suellen Cordovil da. O insólito no conto “Numa pétala de rosa”, de Paulino de Brito. SILVA, Suellen Cordovil da; SILVA, Alan Victor Flor da; VIDAL, Claudia Valéria França (organizadores). *Literatura e artes da Amazônia paraense: registros e investigações*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, p. 161-173.

2- Periódicos

A ARENA, Belém (PA): 1887.

A CONSTITUIÇÃO, Belém (PA): 1880-1886.

A PÁTRIA PARAENSE, Belém (PA): 1894.

A REPÚBLICA, Belém (PA): 1886-1887 / 1889-1900.

CORREIO PARAENSE, Belém (PA): 1892-1894.

DIÁRIO DE BELÉM, Belém (PA): 1880-1889.

DIÁRIOS DE NOTÍCIAS, Belém (PA): 1881-1898.

DIÁRIO DO PARÁ, Belém (PA): 1982-1990.

FOLHA DO NORTE, Belém (PA): 1896-1903.

JORNAL DAS NOVIDADES, Belém (PA): 1888.

O ABOLICIONISTA PARAENSE, Belém (PA): 1883.

O DEMOCRATA, Belém (PA): 1890-1893.

O LIBERAL DO PARÁ, Belém (PA): 1880-1889.

O PARÁ, Belém (PA): 1897-1900.